



A Santa Sé

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II ÀS FAMÍLIAS MONFORTINAS SOBRE A DOCTRINA DO SEU FUNDADOR

*Aos Religiosos e às Religiosas
das Famílias Monfortinas*

Um texto clássico da espiritualidade mariana

1. Há 160 anos foi publicada uma obra destinada a tornar-se um clássico da espiritualidade mariana. São Luís Maria Grignion de Montfort compôs o Tratado sobre a verdadeira devoção à Virgem Santíssima no início de 1700, mas o manuscrito permaneceu praticamente desconhecido por mais de um século. Quando finalmente, quase por acaso, em 1842 foi descoberto e em 1843 foi publicado, teve sucesso imediato, revelando-se uma obra de eficiência extraordinária para a difusão da "verdadeira devoção" à Virgem Santíssima. Eu próprio, nos anos da minha juventude, tirei grandes benefícios da leitura deste livro, no qual "encontrei a resposta às minhas perplexidades" devidas ao receio que o culto a Maria, "dilatando-se excessivamente, acabasse por comprometer a supremacia do culto devido a Cristo" (*Dom e mistério*, pág. 38). Sob a orientação sábia de São Luís Maria compreendi que, quando se vive o mistério de Maria em Cristo, esse risco não subsiste. O pensamento mariológico do Santo, de facto, "está radicado no Mistério trinitário e na verdade da Encarnação do Verbo de Deus (*ibid.*).

A Igreja, desde as suas origens, e sobretudo nos momentos mais difíceis, contemplou com particular intensidade um dos acontecimentos da Paixão de Jesus Cristo, referido a São João: "Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali de pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: "Mulher, eis o teu filho!". Depois, disse ao discípulo: "Eis a tua mãe!". E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua" (*Jo 19, 25-27*). Ao longo da sua história, o Povo de Deus experimentou esta doação feita por Jesus crucificado: a doação da sua Mãe. Maria Santíssima é verdadeiramente a nossa Mãe, que nos acompanha na nossa peregrinação de fé, esperança e

caridade rumo à união cada vez mais intensa com Cristo, único salvador e mediador da salvação (cf. Const. *Lumen gentium*, 60 e 62).

Como se sabe, no meu brasão episcopal, que é a ilustração simbólica do texto evangélico acima citado, o mote *Totus tuus* está inspirado na doutrina de São Luís Maria Grignion de Montfort (cf. *Dom e mistério*, págs. 38-39: *Rosarium Virginis Mariae*, 15). Estas duas palavras exprimem a pertença total a Jesus por meio de Maria: "*Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt*", escreve São Luís Maria; e traduz: "Eu sou todo teu, e tudo o que é meu te pertence, meu amável Jesus, por meio de Maria, tua Santa Mãe" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 233). A doutrina deste Santo exerceu uma profunda influência sobre a devoção mariana de muitos fiéis e sobre a minha própria vida. Trata-se de uma *doutrina vivida*, de grande profundidade ascética e mística, expressa com um estilo vivo e fervoroso, que usa com frequência imagens e símbolos. A partir do tempo em que São Luís Maria viveu, a teologia mariana contudo desenvolveu-se muito, sobretudo mediante o contributo decisivo do Concílio Vaticano II. Por conseguinte, hoje, deve ser lida novamente e interpretada à luz do Concílio a doutrina monfortina, que conserva de igual modo a sua substancial validade.

Com esta Carta, gostaria de partilhar convosco, Religiosos e Religiosas das Famílias Monfortinas, a meditação de alguns trechos dos escritos de São Luís Maria, que nos ajudam nestes momentos difíceis a alimentar a nossa confiança na meditação da Mãe do Senhor.

Ad Iesum per Mariam

2. São Luís Maria propõe com singular eficiência a contemplação amorosa do mistério da Encarnação. A verdadeira devoção mariana é cristocêntrica. Com efeito, como recordou o Concílio Vaticano II, "a Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação" (Const. *Lumen gentium*, 65).

O amor de Deus mediante a união a Jesus Cristo é a finalidade de qualquer devoção autêntica, porque como escreve São Luís Maria Cristo "é o nosso único mestre e deve instruir-nos, o nosso único Senhor do qual devemos depender, a nossa única Cabeça à qual devemos permanecer unidos, o nosso único modelo com o qual nos devemos conformar, o nosso único médico que nos deve curar, o nosso único pastor que nos deve alimentar, o nosso único caminho que nos deve vivificar e o nosso único tudo, em todas as coisas, que nos deve satisfazer" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 61).

3. A devoção à Santa Virgem é um meio privilegiado "para encontrar Jesus Cristo, para o amar com ternura e para o servir com fidelidade" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 62). Este desejo central de "amar com ternura" é imediatamente dilatado numa fervorosa oração a Jesus, pedindo a graça de participar na indizível comunhão de amor que existe entre Ele e a sua Mãe. A

relatividade total de Maria a Cristo, e, n'Ele, à Santíssima Trindade, é antes de mais experimentada na observação: "Todas as vezes que pensas em Maria, Maria louva e honra contigo a Deus. Maria é toda relativa a Deus, e eu chamá-la-ia muito bem a *relação de Deus*, que existe unicamente em relação a Deus, o *eco de Deus*, que não diz e não repete a não ser Deus. Se dizes Maria, ela repete Deus. Santa Isabel louvou Maria e proclamou-a bem-aventurada porque acreditou. Maria o eco fiel de Deus entoou: *Magnificat anima mea Dominum*: a minha alma louva ao Senhor. Aquilo que Maria fez naquela ocasião, repete-o todos os dias. Quando é louvada, amada, honrada ou recebe algo, Deus é louvado, Deus é amado, Deus recebe pelas mãos de Maria e em Maria" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 225).

É ainda na oração à Mãe do Senhor que São Luís Maria exprime a dimensão trinitária da sua relação com Deus: "Saúdo-te Maria, Filha predileta do Pai eterno! Saúdo-te Maria, Mãe admirável do Filho! Saúdo-te Maria, Esposa fidelíssima do Espírito Santo!" (*Segredo de Maria*, 68). Esta tradicional expressão, já usada por São Francisco de Assis (cf. *Fontes Franciscanas*, 281), mesmo contendo níveis heterogêneos de analogia, é sem dúvida eficaz para exprimir de certa forma a peculiar participação de Nossa Senhora na vida da Santíssima Trindade.

4. São Luís Maria contempla todos os mistérios da *Encarnação* que se realizou no momento da Anunciação. Assim, no *Tratado sobre a verdadeira devoção*, Maria é apresentada como "o verdadeiro paraíso terrestre do Novo Adão", a "terra virgem e imaculada" pela qual Ele foi plasmado (n. 261). Ela é também a *Nova Eva*, associada ao *Novo Adão* na obediência que repara a desobediência original do homem e da mulher (cf. *ibid.*, 53; Santo Ireneu *Adversus haereses*, III 21, 10-22, 4). Por meio desta obediência, o Filho de Deus entra no mundo. A mesma Cruz já está misteriosamente presente no momento da Encarnação, no momento em que Jesus é concebido no seio de Maria. Com efeito, o *ecce venio*, da Carta aos Hebreus (cf. 10, 5-9) é o acto primordial da obediência do Filho ao Pai, aceitação do seu Sacrifício redentor "quando entra no mundo".

"Toda a nossa perfeição escreve São Luís Maria Grignon de Montfort *consiste em ser conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo*. Por isso, a mais perfeita de todas as devoções é incontestavelmente a que nos conforma, une e consagra mais perfeitamente a Jesus Cristo. Mas, sendo Maria a criatura mais conforme a Jesus Cristo, tem-se como resultado que, entre todas as devoções, a que consagra e conforma mais uma alma a nosso Senhor é a devoção a Maria, sua Mãe santa, e que quanto mais uma alma estiver consagrada a Maria, tanto mais estará consagrada a Jesus Cristo" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 120). Dirigindo-se a Jesus, São Luís Maria exprime como é maravilhosa a união entre o Filho e a Mãe: "Ela é de tal forma transformada em ti pela graça, que não vive mais, não existe mais: és unicamente Tu, meu Jesus, que vives e reinas nela... Ah! se conhecêssemos a glória e o amor que tu recebes nesta maravilhosa criatura... Ela está tão intimamente unida... De facto, ela ama-te mais ardentemente e glorifica-te mais perfeitamente do que todas as outras criaturas juntas" (*Ibid.*, 63).

Maria, membro eminente do Corpo místico e Mãe da Igreja

5. Segundo as palavras do Concílio Vaticano II, Maria "é saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade" (Const. *Lumen gentium*, 53). A Mãe do Redentor é também redimida por ele, de maneira única na sua Imaculada Conceição, e precedeu-nos naquela escuta crente e cheia de amor da Palavra de Deus que nos torna bem-aventurados (cf. *ibid.*, 58). Também por isso, Maria "está intimamente unida à Igreja: a Mãe de Deus é a figura (*typus*) da Igreja, como já ensinava Santo Ambrósio, isto é, na ordem da fé, da caridade e da união perfeita com Cristo. De facto, no mistério da Igreja, que é também chamada justamente mãe e virgem, a Bem-Aventurada Virgem Maria é a primeira, dando de modo eminente e singular o exemplo de virgem e de mãe" (*Ibid.*, 63). O próprio Concílio contempla Maria como *Mãe dos membros de Cristo* (cf. *ibid.*, 53; 62), e assim Paulo VI a proclamou *Mãe da Igreja*. A doutrina do Corpo místico, que exprime de maneira mais forte a união de Cristo com a Igreja, é também o fundamento bíblico desta afirmação. "A cabeça e os membros pertencem à mesma mãe" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 32), recorda-nos São Luís Maria. Neste sentido, dizemos que, por obra do Espírito Santo, os membros estão unidos e conformados com Cristo Cabeça, Filho do Pai e de Maria, de tal modo que "qualquer verdadeiro filho da Igreja deve ter Deus como Pai e Maria como Mãe" (*Segredo de Maria*, 11).

Em Cristo, Filho unigénito, somos realmente filhos do Pai e, ao mesmo tempo, filhos de Maria e da Igreja. Com o nascimento virginal de Jesus, de certa forma é toda a humanidade que renasce. À Mãe do Senhor "podem ser aplicadas, de maneira mais verdadeira de quanto São Paulo as aplica a si mesmo, estas palavras: "Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós" (*Gl 4*, 19). Dou à luz todos os dias os filhos de Deus, enquanto não estiver formado neles Jesus Cristo, meu Filho, na plenitude da sua idade" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 33). Esta doutrina encontra a sua expressão mais bela na oração: "Oh! Espírito Santo, concede-me uma grande devoção e uma grande inclinação para Maria, um apoio sólido sobre o seu seio materno e um recurso assíduo à sua misericórdia, para que, *nela, tu possas formar Jesus dentro de mim*" (*Segredo de Maria*, 67).

Uma das expressões mais nobres da espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort refere-se à identificação do fiel com Maria no seu amor por Jesus, no seu serviço a Jesus.

Meditando o conhecido texto de Santo Ambrósio: *A alma de Maria esteja em cada um para glorificar o Senhor, o espírito de Maria esteja em cada um para exultar em Deus* (*Expos. in Luc.*, 12, 26: *PL* 15, 1561), ele escreve: "Como é feliz uma alma quando... está totalmente arrebatada e guiada *pelo espírito de Maria, que é um espírito doce e forte, zeloso e prudente, humilde e corajoso, puro e fecundo*" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 258). A identificação mística com Maria está totalmente dirigida para Jesus, como se exprime na oração: "Por fim, minha querida e amadíssima Mãe, se for possível, faz com que eu não tenha outro espírito a não ser o teu para conhecer Jesus Cristo e os seus desejos divinos; que não tenha outra alma a não ser a tua para louvar e glorificar o Senhor; que não tenha outro coração a não ser o teu para amar Deus com caridade pura e ardente como tu" (*Segredo de Maria*, 68).

A santidade perfeição da caridade

6. A Constituição *Lumen gentium* recita ainda: "Mas, ao passo que, na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cf. *Ef* 5, 27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos" (n. 65). A santidade é *perfeição da caridade*, daquele amor a Deus e ao próximo que é o objecto do maior mandamento de Jesus (cf. *Mt* 22, 38), e é também o maior dom do Espírito Santo (cf. *1 Cor* 13, 13). Assim, nos seus *Cânticos*, São Luís Maria apresenta sucessivamente aos fiéis a excelência da caridade (*Cântico* 5), a luz da fé (*Cântico* 6) e a firmeza na esperança (*Cântico* 7).

Na espiritualidade monfortina, o dinamismo da caridade é expresso especialmente através do símbolo da *escravidão do amor a Jesus* a exemplo e com a ajuda materna de Maria. Trata-se da comunhão plena na *kenosis* de Cristo; comunhão vivida com Maria, intimamente presente nos mistérios da vida do Filho. "Não há nada entre os cristãos que faça pertencer de maneira mais absoluta a Jesus Cristo e à sua Santa Mãe como a escravidão da vontade, segundo o exemplo do próprio Jesus Cristo, que assumiu as condições de escravo por amor a nós *formam servi accipiens* e da Santa Virgem, que se considerou serva e escrava do Senhor. O apóstolo honra-se do título de *servus Christi*. Várias vezes, na Sagrada Escritura, os cristãos são chamados *servi Christi*" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 72). De facto, o Filho de Deus, que veio ao mundo em obediência ao Pai na Encarnação (cf. *Hb* 10, 7), humilhou-se depois fazendo-se obediente até à morte, e morte de Cruz (cf. *Fl* 2, 7-8). Maria correspondeu à vontade de Deus com o dom total de si, corpo e alma, para sempre, desde a Anunciação até à Cruz, e da Cruz até à Assunção.

Certamente, entre a obediência de Cristo e a obediência de Maria existe uma assimetria determinada pela *diferença ontológica* entre a Pessoa divina do Filho e a pessoa humana de Maria, do que deriva também a exclusividade da eficiência salvífica fontal da obediência de Cristo, da qual a sua própria Mãe recebeu a graça para poder obedecer de modo total a Deus e assim colaborar com a missão do seu Filho.

Por conseguinte, a *escravidão de amor* deve ser interpretada à luz do admirável intercâmbio entre Deus e a humanidade no mistério do Verbo encarnado. É um verdadeiro intercâmbio de amor entre Deus e a sua criatura na reciprocidade da doação total de si. "O espírito desta devoção... é tornar a alma interiormente dependente e escrava da Santíssima Virgem e de Jesus por meio dela" (*Segredo de Maria*, 44). Paradoxalmente, este "vínculo de caridade", esta "escravidão de amor" torna o homem plenamente livre, com a verdadeira liberdade dos filhos de Deus (cf. *Tratado sobre a verdadeira devoção*, 169). Trata-se de se entregar totalmente a Jesus, respondendo ao Amor com que Ele nos amou primeiro. Qualquer pessoa que viver neste amor pode dizer como São Paulo: "*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*" (*Gl* 2, 20).

A "peregrinação da fé"

7. Na *Novo millennio ineunte* escrevi que "se alcança Jesus unicamente pelo caminho da fé" (n. 19). Foi precisamente este o caminho seguido por Maria durante toda a sua vida terrena, e é o caminho da Igreja peregrina até ao fim dos tempos. O Concílio Vaticano II insistiu muito sobre a fé de Maria, misteriosamente partilhada pela Igreja, pondo em realce o itinerário de Nossa Senhora desde o momento da Anunciação até ao momento da Paixão redentora (cf. Const. *Lumen gentium*, 57 e 67; Carta enc. *Redemptoris Mater*, 25-27).

Nos escritos de São Luís Maria encontramos a mesma ênfase sobre a fé vivida pela Mãe de Jesus num caminho que vai da Encarnação até à Cruz, uma fé na qual Maria é modelo e tipo da Igreja. São Luís Maria expressa-o com riqueza de imagens quando expõe ao seu leitor os "efeitos maravilhosos" da perfeita devoção mariana: "Portanto, quanto mais ganhares a benevolência desta venerável Princesa e Virgem fiel, tanto mais o teu comportamento de vida estará inspirado pela fé pura. Uma fé pura, portanto não te preocuparás minimamente de quanto é sensível e extraordinária. Uma fé viva e animada pela caridade, que te fará agir unicamente com motivo do amor puro. Uma fé firme e inabalável como uma rocha, que te fará permanecer firme e constante no meio de furacões e de tempestades. Uma fé laboriosa e penetrante que, como misteriosa chave polivalente, te fará entrar em todos os mistérios de Jesus Cristo, nos fins últimos do homem e no coração do próprio Deus. Uma fé corajosa, que te fará empreender e concretizar sem hesitações coisas grandes para Deus e para a salvação das almas. Por fim, uma fé que será a tua chama ardente, a tua vida divina, o teu tesouro escondido da Sabedoria divina e a tua arma onipotente, com a qual esclarecerás todos os que são tíbios e têm necessidade do ouro ardente da caridade, darás de novo vida aos que morreram por causa do pecado, comoverás e perturbarás com as tuas palavras suaves e fortes os corações de pedra e os cedros do Líbano e, por fim, resistirás ao demónio e a todos os inimigos da salvação" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 214).

Como São João da Cruz, São Luís Maria insiste principalmente sobre a pureza da fé e sobre a sua essencial e muitas vezes dolorosa obscuridade (cf. *Segredo de Maria*, 51, 52). É a fé contemplativa que, renunciando às coisas sensíveis ou extraordinárias, penetra nas profundezas misteriosas de Cristo. Assim, na sua oração, São Luís Maria dirige-se à Mãe do Senhor dizendo: "Não te peço visões ou revelações, nem gostos ou delícias, mesmo só espirituais... Aqui na terra, eu quero que me pertença unicamente o que tu quiseres, isto é: crer com fé pura sem nada provar ou ver" (*ibid.*, 69). A Cruz é o momento culminante da fé que Maria tem, como escrevi na Encíclica *Redemptoris Mater*: "Maria participa mediante a fé no mistério desconcertante desse despojamento... Isso constitui, talvez, a mais profunda "kenosis" da fé na história da humanidade" (n. 18).

Sinal de esperança certa

8. O Espírito Santo convida Maria a "reproduzir-se" nos seus eleitos, alargando até eles as raízes da sua "fé invencível", mas também da sua "firme esperança" (cf. *Tratado sobre a verdadeira*

devoção, 34). O Concílio Vaticano II recordou quanto segue: "A Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há-de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (Const. *Lumen gentium*, 68). Esta dimensão escatológica é contemplada por São Luís Maria sobretudo quando fala dos "santos dos últimos tempos", formados pela Virgem Santa para levar à Igreja a vitória de Cristo sobre as forças do mal (cf. *Tratado sobre a verdadeira devoção*, 49-59). Não se trata de modo algum de uma forma de "milenarismo", mas do sentido profundo da índole escatológica da Igreja, ligada à unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo. A Igreja espera a vinda gloriosa de Jesus no fim dos tempos. Como Maria e com Maria, os santos são na Igreja e para a Igreja, para fazer resplandecer a sua santidade, para alargar até aos confins do mundo e até ao fim dos tempos a obra de Cristo, único Salvador.

Na antífona *Salve Regina*, a Igreja chama a Mãe de Deus "nossa Esperança". A mesma expressão é usada por São Luís Maria a partir de um texto de São João Damasceno, que aplica a Maria o símbolo bíblico da âncora (cf. *Hom. 1ª in Dorm. B.V.M.: PG 96, 719*): "Nós unimos as almas a ti, nossa esperança, como a uma âncora firme. A ela afeiçoaram-se em maior medida os santos que se salvaram e fizeram afeiçoar os outros, para que perseverassem na virtude. Portanto, bem-aventurados, infinitamente bem-aventurados os cristãos que hoje se mantêm unidos a ela fiel e totalmente como a uma âncora firme" (*Tratado sobre a verdadeira devoção*, 175). Através da devoção a Maria, o próprio Jesus "alarga o coração com uma santa confiança em Deus, fazendo com que ele seja visto como Pai e inspirando um amor terno e filial" (*Ibid.*, 169).

Juntamente com a Virgem Santa, com o mesmo coração de mãe, a Igreja reza, espera e intercede pela salvação de todos os homens. São as últimas palavras da constituição *Lumen gentium*: "Dirijam todos os fiéis instantes súplicas à Mãe de Deus e mãe dos homens, para que ela, que assistiu com as suas orações aos começos da Igreja, também agora, exaltada sobre todos os anjos e bem-aventurados, interceda, junto de seu Filho, na comunhão de todos os santos, até que todos os povos, tanto os que ostentam o nome cristão, como os que ainda ignoram o Salvador, se reúnam felizmente, em paz e harmonia, no único Povo de Deus, para glória da santíssima e indivisa Trindade" (n. 69).

Fazendo de novo meus estes votos, que juntamente com os outros Padres Conciliares expressei há quase quarenta anos, envio a toda a Família monfortina uma especial Bênção apostólica.

Vaticano, 8 de Dezembro de 2003, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria.

PAPA JOÃO PAULO II

©Copyright 2004 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana